

## Apresentação

Faz cinco anos que a nossa Revista está no ar! Durante este tempo, diversas alunas e alunos passaram pela equipe. Alguns já viraram até mestres e doutorandos! Uma alegria.

Outro dia precisei procurar registros meus na UFF/Campos e encontrei uma foto de uma reunião do corpo editorial, que deve ter acontecido no começo de 2019, quando a Planície Científica nascia!



Foto: Arquivo pessoal

Naquele ano, fizemos o lançamento da primeira edição em um Seminário em junho e foi lindo demais! Desde então, não paramos, a equipe mudou, saía uns e outras, entravam umas e outros e, seguimos.

Mas vieram os efeitos da pandemia, os desafios para alunos/as que chegaram, cada vez mais discentes saíam, sem que ninguém entrasse...e a sobrecarga de trabalho das professoras supervisoras! Cada edição tornou-se mais difícil, mais exigente, e o processo editorial cada vez mais árduo...

Hoje, final de 2023, estou conduzindo sozinha a Revista, e não dá para ser assim. Não deve ser assim e, por isso, este clima saudoso e que já assinala uma despedida.

Teremos, além deste número, mais duas edições, sendo a próxima feita pela Profa. Jacqueline, que já foi editora supervisora e voltará para organizar um dossiê.

Depois disso, farei mais uma edição e depois, muito provavelmente este projeto vai entrar em suspensão, por isso não estamos mais recebendo submissões. Mas até lá, ainda temos produções intelectuais bastante interessantes para você, leitora ou leitor.

Este número não é um dossiê no sentido estrito, mas há um tema que atravessa a entrevista, o artigo especial, a resenha e as contribuições da Seção Solano Trindade: a questão de gênero, ou melhor, as perspectivas que são abertas pela contribuição de autoras que estão

construindo as epistemologias feministas e resgatando a produção intelectual de mulheres, que historicamente ficou invisibilizada.

Como o trabalho de cuidado, e sua invisibilidade, que ganhou ressonância ao compor o tema da redação do Exame Nacional do Ensino Médio do Brasil, no segundo semestre de 2023.

“O que eles chamam de amor nós chamamos de trabalho não pago”, escreveu a Silvia Federici. Esta denúncia incomoda bastante. Há quem veja nisso uma ofensa a “família tradicional” e ao papel da mulher sociedade, tal como algumas crenças religiosas insistem em propagar. Mas esta denúncia é incontornável, porque está cada vez mais visível a sobrecarga de trabalho (laboral, doméstico, emocional, entre outros) que as mulheres assumem e que, com muita frequência, o fazem sem ser remuneradas para isso.

De acordo com o relatório da Oxfam de 2020, meninas e mulheres do mundo todo trabalham 12,5 bilhões de horas, todos os dias, em atividade de cuidado que não são remuneradas. A Organização estima que a não remuneração deste trabalho permite a geração de pelo menos “US\$ 10,8 trilhões por ano à economia global – mais de três vezes o valor da indústria de tecnologia do mundo”<sup>1</sup>.

Atravessada por estes e outros debates, quis trazer nesta edição, elementos que nos ajudem a enfrentar esta realidade. Primeiramente, eu gostaria de agradecer a Michelle Franco Redondo, pesquisadora do Care<sup>2</sup>, que nos brindou com uma entrevista super interessante, apresentando de forma bastante simples a perspectiva teórica do Care, suas pesquisas sobre o tema.

Como artigo especial, temos o trabalho da Karen Felipe Fernandes que é fruto de sua pesquisa de conclusão de curso, que buscou compreender a percepção de mulheres sobre a divisão sexual do trabalho dentro e fora da pandemia de Covid-19 no Brasil e as consequências em suas rotinas

Agradeço ainda o Paulo Jackson Gomes de Souza que fez uma ótima resenha do livro “Clássicas do Pensamento Social: mulheres e feminismos no século XIX” que foi organizado por Verônica Daflon e Bila Sorj. Publicado em 2021, a obra recupera a produção de cientistas

---

<sup>1</sup> O relatório “Tempo de Cuidar: o trabalho de cuidado não remunerado e mal pago e a crise global da desigualdade” está acessível no sítio eletrônico: <https://www.oxfam.org.br/publicacao/tempo-de-cuidar-o-trabalho-de-cuidado-nao-remunerado-e-mal-pago-e-a-crise-global-da-desigualdade/>.

<sup>2</sup> Lendo a entrevista, o leitor ou a leitora vão conhecer Michelle e as pesquisas que se articulam no Care e na análise do trabalho de cuidado.

sociais mulheres, que apesar de trazerem contribuições relevantes, ficaram “esquecidas”, porque não traduzidas e/ou não publicadas, sobretudo em português.

Estou muito feliz pelos/as/es alunos/as/es que aceitaram o convite de mandarem suas criações artísticas que foram produzidas no âmbito da disciplina de Relações de Gênero, que eu ministrei no primeiro semestre de 2023: Esperança Paes Ferreira, Maria Heloisa Kort-Kamp e Tarcísio de Castro Souza Rodrigues Magalhaes, vocês arrasaram. Muito obrigada por aceitarem publicar as imagens que fizeram como atividade de avaliação do curso!

Os poemas de Vitoria Ribeiro de Azevedo Dias e Helena da Conceicao Silva Ferreira foram dois presentes lindos que recebi, e que vieram trazer mais beleza para esta edição.

Além destes trabalhos e obras que compõem o tema eleito para organizar a publicação, também temos três textos de tema livre. Temos um artigo de Daiana Junqueira Moreira intitulado “História e usos da memória em São Francisco de Itabapoana” e dois relatos de pesquisa. O primeiro de Mayara Gama Machado, “A rede agroecológica de Campos dos Goytacazes: uma experiência colaborativa entre a UENF, os assentamentos e a feira agroecológica” e o segundo de Jullyana Souza Rodrigues, cujo título é “Estágio supervisionado: o primeiro olhar do aluno em direção à docência durante a pandemia de Covid-19”. Publicamos também o resumo expandido do Trabalho de Conclusão de Curso “Memórias discentes de um grêmio estudantil: gestão, democracia e juventudes” de Larissa Martins Fernandes Amaral

Espero que apreciem a leitura.

Gisele Maria Ribeiro de Almeida

Campos dos Goytacazes, 14 de dezembro de 2023